

## A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS LIVRES ECOLÓGICAS: UM ESPAÇO DE TROCAS E SABERES DA ECONOMIA LOCAL.

Wilson Itamar Godoy<sup>1</sup>; Flávio Sacco dos Anjos<sup>2</sup>.

**Palavras-chave:** *feiras livres, sistemas agroalimentares, abastecimento urbano.*

### INTRODUÇÃO

As feiras livres são uma tradicional modalidade periódica de comércio varejista, dispersas no espaço e no tempo, cada qual com a sua relevância e magnitude peculiar. Identificar a sua origem é certamente como se refere Costa(1950), perder-se no ignoto de um passado distante. Ao final dos anos 1960, inicia-se a consolidação da indústria agroalimentar, alavancada pela internacionalização do capital e liberalização dos mercados (PINTAUDI, 1981). Neste período ações governamentais brasileiras, passam a apoiar a criação de lojas de auto-serviço, com a finalidade de exercer o controle de preços do comércio alimentar vigente, até então baseado nos armazéns, empórios, mercearias e feiras, responsáveis pela maior parte das vendas no varejo<sup>3</sup>. No entanto, percebe-se ainda hoje que as feiras livres têm desempenhado um papel muito importante na consolidação econômica e social, especialmente da agricultura familiar sob o ponto de vista do feirante, representando também um espaço público, sócio-econômico e cultural, extremamente dinâmico e diversificado sob o ponto de vista do consumidor. Apesar da importância sócio-econômica das feiras livres, raros são os trabalhos de pesquisa nesta área, e quando existem na maioria das vezes possuem um caráter estritamente mercadológico, perdendo de vista os aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais. Um dos objetivos principais deste artigo foi o de realizar uma abordagem sobre a relação das pessoas com o “equipamento feira”, entendido aqui como um espaço de trocas econômicas e de sociabilidade entre produtores e consumidores sem perder de vista o aspecto político, que representa para uma parte da população preocupada em adotar um novo sistema de produção e consumo, como o caso específico da feira livre ecológica. Este artigo vincula-se também a um projeto de tese de doutoramento que está sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Agronomia da Universidade

---

<sup>1</sup> CEFET/PR, Unidade de Pato Branco/PR. Eng. Agr., Mestre em Fitotecnia pela UFRGS, professor do Curso de Agronomia. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Agronomia da UFPel. Endereço: Via do Conhecimento, km 01, CEP 85.503-390. Pato Branco-PR. [godoy@pb.cefetpr.br](mailto:godoy@pb.cefetpr.br)

<sup>2</sup> FAEM-UFPel Eng. Agr., Doutor em Sociologia pela Universidade de Córdoba(Espanha), professor do Depto de Ciências Sociais Agrárias da FAEM, Vinculado ao PPGA da UFPel. [flaviosa@ufpel.edu.br](mailto:flaviosa@ufpel.edu.br).

<sup>3</sup> De acordo com Carmo(1996, p.222-223), na década de 1960 no Brasil, 87% das vendas a varejo eram realizadas pelo segmento especializado (empórios, mercearias, armazéns e feiras) e somente 13% pelo segmento diversificado. No entanto ao final dos anos 1990, esta situação se inverteu, quando o segmento diversificado passou a ser responsável por 84,5% das vendas e o setor especializado por apenas 14,5%.

Federal de Pelotas. Além dos objetivos anteriormente citados, procurou-se também abordar neste artigo as representações e o entendimento dos produtores sobre este canal de comercialização, qual o relacionamento existente entre os atores, bem como a perspectiva das feiras livres inseridas num mundo cada vez mais automatizado, e atrelado as grandes superfícies de varejo, onde as relações impessoais tendem a preponderar em meio à rapidez das trocas e a velocidade dos processos econômicos.

### **DESENVOLVIMENTO**

As feiras livres constituem-se de uma intrincada teia de relações que configuram um diversificado conjunto de ocupações, fluxos, mercadorias e relações sociais, caracterizando-se primordialmente como uma atividade de trabalho informal essencialmente familiar, onde os envolvidos na operacionalização são geralmente membros da família, gerando por sua vez uma grande demanda de serviços diretos e indiretos como transporte, insumos, embalagens e atendentes.

De acordo com a observação de Ricotto(2002)<sup>4</sup>, em seu estudo sobre as feiras livres argentinas, estas desempenham um papel muito importante na consolidação econômica e social especialmente da agricultura familiar, sendo capaz de provocar mudanças e reconversão no setor de pequenos e médios agricultores.

Baseando-se em Milton Santos, Jesus(1992) sugere a inserção das feiras livres no circuito inferior da economia urbana, o qual tem como característica a utilização de trabalho intensivo, movimentação de pequenos estoques, tendo a formação do preço como resultado da discussão entre comprador/vendedor. Devido à relação direta e personalizada com a clientela operam com um custo fixo bastante baixo, fazendo com que este circuito seja mais eficiente na comercialização em áreas periféricas onde a rentabilidade é menor. Alguns autores (FARINA,1994) destacam também a complementaridade desempenhada pelas feiras livres em relação às grandes superfícies de varejo com base em atributos relevantes (oferta de produtos especiais<sup>5</sup>, pequenas quantidades, produtos artesanais). A primeira feira livre ecológica da ARPA-SUL foi instalada em novembro de 1995, na cidade de Pelotas, além de servir a estratégia de reprodução da agricultura familiar, escoando os produtos da produção ecológica funciona,

---

<sup>4</sup> Para mais detalhe ver a tese de Ricotto(2002). Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar: O caso das feiras livres de Misiones, Argentina.

<sup>5</sup> De acordo com Farina(1994), as *especialidades* são produtos que apresentam diferenciações específicas, destinando-se a exigências particulares do processamento industrial ou às exigências pontuais dos consumidores, neste caso insere-se a produção agroecológica. Também ocorrem diferenciações na formação de preços, uma vez que a sua comercialização, esta atrelada à produção geralmente localizada em pontos específicos no mundo e pequeno volume de produção.

sobretudo como forma de divulgação da proposta de produção ecológica para a sociedade.

*Desde que se fundou a ARPASUL, a feira é a vitrine da ARPASUL, aqui os produtores têm a relação direta com os consumidores, aqui está exposto tudo o que eles fazem, não somente os produtos, mas eles mesmos estão aqui presentes. Então essa relação é bastante construtiva para o processo de construção da agroecologia (JANETE, Pastoral Rural).*

Fato que também é reconhecido como de fundamental importância pelos próprios feirantes, pois conforme mostra a Fig. 1, cerca de 70% dos feirantes consideram forte a muito forte o seu relacionamento com o público consumidor. Relacionamento este que se traduz na troca de experiências e saberes entre o rural e o urbano, na forma de receitas de preparo dos alimentos, chás, informações nutricionais dos produtos e informações sobre as técnicas de produção agroecológicas (Fig. 2).

Este canal de comercialização tem uma característica muito particular de interação, proporcionando a aproximação e a troca de saberes, não apenas entre o rural-urbano, mas, sobretudo do próprio rural. O “espaço-feira” tem proporcionado o conhecimento recíproco dos agricultores e das suas experiências, fato este que dificilmente poderia ocorrer se fossem utilizados outros canais de comercialização mais individualizados. A feira livre proporciona uma interação e troca de saberes impar, conforme destaca o feirante Nilo:

*Ela é importante porque aqui [...] vem um produtor de cada família. E esse convívio aqui que eu acho que não se pode perder [...] esse vínculo [...] do produtor com o consumidor, produtor com o produtor. Por que se não fosse as feiras, no meu caso, talvez não teria conhecido o pessoal lá do Remanso, lá de Canguçu, pessoal de São Lourenço, pessoal do Arroio do Padre. [...] Por que se não tivesse a feira, jamais, eu acho que jamais a gente teria essa integração que se tem hoje (Nilo – presidenta da ARPA-SUL).*

Um aspecto interessante que nos chamou a atenção durante a pesquisa foi o grau de organização exercitado pelos produtores e o seu elevado espírito de grupo, bem como o alto nível de confiança existente, quer seja entre os próprios feirantes, entre os consumidores e feirantes e vice versa. Percebemos não existir o mesmo sentimento de concorrência e individualismo existente entre os componentes das feiras livres convencionais, onde se constatou a existência de atos administrativos por parte da prefeitura com vistas à punição de agressões corporais entre colegas, sobretudo por disputa de mais espaço. Por outro lado, na feira livre ecológica é corriqueiro aos feirantes, atender os consumidores da banca do vizinho, vender os produtos do colega, fazer o troco e colocar o dinheiro na gaveta deste, conforme as próprias palavras do feirante Nilo:

*Então, às vezes, eu tenho coisa pra fazer da Associação, eu sou obrigado a sair da banca, o outro, o companheiro cuida. Cuida a minha banca, ele vende do mesmo jeito, como se fosse eu. [...] Faz o troco. A confiança que se tem duma pessoa na outra, aqui, é o que vale! Muitas vezes, o consumidor que faz a conta e te entrega o dinheiro prontinho (Nilo – presidente da ARPA-SUL).*

## CONCLUSÃO

A agricultura familiar apresenta-se como elemento insubstituível capaz de promover os objetivos de inclusão social e redução das desigualdades econômicas e políticas reinantes no campo. No entanto de nada basta à opção por apoiar esta forma social de produção sem adentrar na discussão dos instrumentos que permitam fortalecer os produtores e viabilizar sua reprodução a curto e longo prazo. É nesse contexto que se situa a feira livre ecológica enquanto objeto de estudo e reflexão teórica. Esta se constitui num canal perfeito para a viabilização da proposta agroecológica, pois além de aproximar as pessoas com interesses de troca econômicas idênticas, em que o valor é formado por uma discussão direta entre os atores, constitui-se também num palco de *reprodução social*, reiteradamente desprezada enquanto objeto de estudo pela ciência econômica, um espaço de trocas de saberes ou de *hábitus* no sentido conferido por Bourdieu(1989), onde os conviventes enriquecem o seu capital cultural, através da aprendizagem e aquisição de novos saberes e experiências vividas pelo outro. O consumidor, trazendo o seu saber urbano para trocar com o feirante, enquanto este oferece um saber forjado no contato com a natureza e na dinâmica dos processos naturais de produção.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. "A gênese dos conceitos de hábitus e campo" In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Difel, 1989. p. 61.
- CARMO, M. S. **(Re) Estruturação do Sistema Agroalimentar no Brasil: A Diversificação da Demanda e a Flexibilidade da Oferta**. SAO PAULO: IEA/SAASP (COLECAO ESTUDOS AGRICOLAS, 5), 1996, v.1. p.255.
- COSTA, M. **Feiras e outros divertimentos populares da Lisboa**. Lisboa, Oficina gráfica do C.M.L., 1950.
- FONSECA, M. C. P. da; SILVA, M. A. A. P da; SALAY, E. Atitudes dos consumidores com relação à compra de hortifrutícolas em hipermercados e feiras livres na cidade de Campinas-SP, **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília. V. 16, n. 1, p. 87-113, Jan. /abr. 1999.
- JESUS, G. M. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 54. N. 1, p. 1-80, jan/mar. 1992.
- PINTAUDI, S. M. **O templo da mercadoria**: Estudo sobre os shoppings-centers do estado de São Paulo. São Paulo, FFLCH/USP, 1989 (Tese de Doutorado).
- SANTOS, M. A **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana nos países sub-desenvolvidos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

## AGRADECIMENTO

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudo ao primeiro autor.

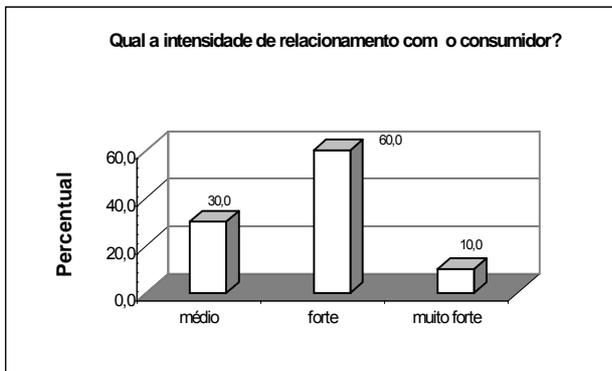


Figura 1: Visão do feirante em relação ao grau de relacionamento existente entre o ele e o consumidor.  
 Fonte: Pesquisada realizada com os feirantes da feira da Av. Dom Joaquim em junho/2004.

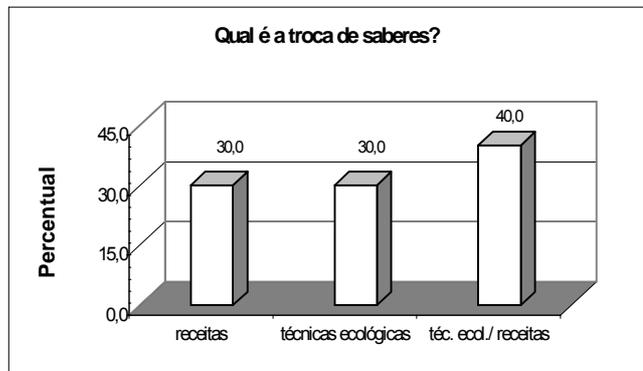


Figura 2: Questionamento do feirante, sobre qual era a troca de saberes com o consumidor.  
 Fonte: Pesquisada realizada com os feirantes da Av. Dom Joaquim em junho/2004.

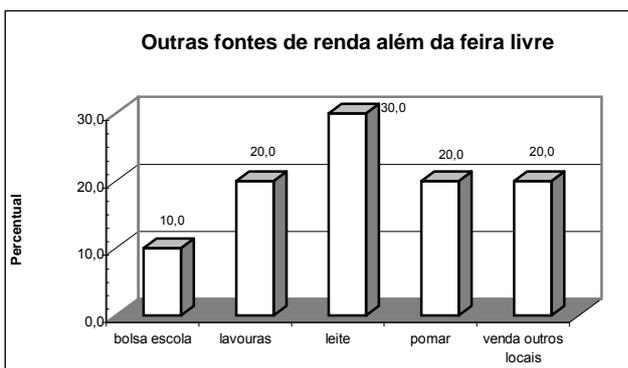


Figura 3: Outras fontes de renda obtidas pelos feirantes ecológicos entrevistados.  
 Fonte: Pesquisada realizada com os feirantes da feira da Av. Dom Joaquim em junho/2004.